

A MENSAGEM DA CRUZ

Pr. Ronan Boechat de Amorim

I - A CRUZ DE JESUS É A CONSEQUÊNCIA DE UMA VIDA INTEIRA DE FIDELIDADE:

O texto bíblico de João 3:16 nos afirma que “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Em João 10:10b temos Jesus afirmando porque encarnou-se e se fez um de nós: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida com abundância.”

A história humana pode ser vista neste sentido: é a história de um Deus que ama e deseja salvar toda sua criação, cada uma das criaturas, dando-lhes vida e vida abundante. Por isso, a crucificação de Jesus não pode ser vista separadamente de toda a vida de Jesus. Só é possível entender a cruz como consequência de toda a vida de Jesus: uma vida para Deus e para o próximo, uma vida de amor. Olhar para a cruz fora do contexto da vida de Jesus, é des-historicizá-la, é distorcer sua mensagem, é não entender o propósito e o amor-serviço de Deus.

Na cruz (crucificação de Jesus) temos o “retrato” de um Deus que é amor, serviço e solidariedade: ele se entrega, na pessoa do Filho, para, de forma radical e inequívoca, comunicar o seu amor. Certamente, a vontade de Deus é que todas as pessoas, ao ouvirem as Boas Novas trazidas por Jesus, se abram para elas, se convertam da vida descompromissada com o Evangelho e passem, tal como Jesus, a viver uma vida de serviço, amor-ágape-solidário para com Deus e para com o irmão.

E o povo daquele tempo em que Jesus “se fez homem e habitou entre nós”, tal qual o de hoje em dia, se fechou para a mensagem de Jesus, insistiu em viver uma vida fechada para o Deus apresentado por Jesus (“Eu e o Pai somos um!”), satisfeitos com uma religião que o confortava, mas que não o libertava do egoísmo, ganância, opressão, falsas seguranças e muitas vezes, numa fé em um “Deus” domesticado e moldado à nossa imagem e interesses. Vejamos que contradição: em nome da observância da religião de Deus, foi condenado e morto na cruz o Filho Unigênito do Deus da religião de Israel! E porque a mensagem de Jesus atacava e abalava esses falsos valores, seguranças e religiosidade, os que viviam e se beneficiavam dessas coisas, sentindo-se prejudicados e ameaçados, tentaram “silenciar” Jesus com a cruz. Colocaram uma cruz no caminho, no ministério e na vida de Jesus. Colocaram uma cruz buscando deter a graça salvadora de Deus...

Mas a cruz, como diz um cântico muito apreciado em nossas comunidades, “não conseguiu vencer o autor da minha vida. Aleluia! Cristo reviveu e entre nós vive outra vez...” . Sim, porque na cruz Deus fala mais alto ainda. O que vemos é um Deus que não se detém, não se assusta e enfrenta a ameaça que vira cruz de dor e dor de cruz. Deus em Jesus se entrega radical e solidariamente aos pecadores, aos oprimidos, aos sem-vida. Temos um Deus que, em Jesus, experimenta e enfrenta a traição, o abandono, a solidão, a humilhação, a injustiça, a opressão, o pecado, a lei (idolatrada pelo legalismo!), e o último dos inimigos, a morte.

A cruz nos revela ainda um Deus que enfrenta o “NÃO” do ser humano à sua vontade, ao Evangelho e à implantação do seu Reino. Deus diante do mais íntimo de todas negatividades humanas vence tais coisas, dando à morte de Jesus, como o próprio Jesus tinha consciência, um caráter salvífico: se a cruz é o “NÃO” do ser humano para Deus, a ressurreição é, ainda e apesar de tudo, o “SIM” de Deus para o ser humano. O que devia ser tragédia, é convertido em amor mais profundo ainda. Podemos até recusar o amor de Deus, mas não podemos impedir que Deus ame, que Deus nos ame. E Deus ama! Ama-nos não porque mereçamos ser amados(as), mas apesar de sermos pecadores(as)!

Não olhar e entender a cruz nessa perspectiva é não entender o amor intenso e sem medidas (cf. Sl 103:1-8) de Deus. O tanto quanto Deus nos ama. E como Deus nos ama!

II - A MENSAGEM TOTAL DA CRUZ: A VIDA DE JESUS.

Dissemos que a cruz é a consequência do estilo de vida que Jesus viveu. Podemos afirmar com temor, fé e lucidez que a cruz, portanto, é um “resumo” da vida de Jesus. Ao falarmos da cruz, estamos indicando uma espécie de “o maior dos sinais” dentre os enormes sinais do amor de Deus por nós e sua determinação em nos salvar.

A cruz não seria possível sem a encarnação: se Deus não tivesse se encarnado, a história da salvação seria outra. A cruz não seria possível sem a pregação e testemunho de Jesus: foi a pregação (que revela nosso pecado e falta de amor, que denuncia a injustiça e idolatria, que nos impõe a conversão ou o juízo de Deus, que identifica e se solidariza com os injustiçados e pobres, ao mesmo tempo que ameaça os iníquos, poderosos e opressores e seus sistemas de opressão e morte) que traz sobre Jesus a ameaça e a realidade da cruz. A cruz não teria existido se não fosse pela fidelidade de Jesus ao projeto de salvação de Deus: amar até às últimas consequências, mesmo que fosse a morte, e morte de cruz.

A vida de Jesus é um todo inseparável. Não podemos separar a ressurreição da cruz, nem a cruz do restante de sua vida, desde a encarnação, passando pelo modo como ele viveu e sua vida de amor e serviço para Deus e o próximo, sua vida de autoridade e liberdade em relação à lei (halaká) e à religião judaica (templo, sábado, sacerdotes, etc), sua fidelidade a Deus e a mensagem e anúncio do Reino de Deus, a relação de Jesus com o Pai, sua paixão, morte e ressurreição...

Passados tantos séculos desde a data da crucificação de Jesus, infelizmente quando em muitos lugares se fala sobre a morte de Jesus, dá-se a entender que ela não foi uma consequência da vida de Jesus. Mas ao contrário, que a encarnação, a pregação, a vida de oração, os milagres, etc... de Jesus foram apenas uma “encheção de lingüiça”, ou seja, apenas uma encenação” para a cruz. Mas os Evangelhos nos contam que o centro da vida e da pregação de Jesus nunca foi a cruz, mas a presença de Deus, o amor de Deus, o Reino de Deus. É por isso que Jesus se encarna, prega, cura, liberta, morre e que Deus o ressuscita dentre os mortos. É o amor que não se detém nem mesmo diante da morte, e que dá vida que vai para além da morte.

Jesus não fingia orar ao Pai ou que dele dependia. Jesus não mentiu ao dizer que “todo o poder o Pai me deu” (cf. Mt 28:18; Jo 5:19; Jo 6:38). Jesus não fingia que pregava o Evangelho para que as pessoas, mesmo antes de sua morte, pudessem ser salvas. Não é apenas a morte e a ressurreição de Jesus que o fizeram Salvador. Não é apenas a morte e a ressurreição de Jesus que salvam. Quem salva é só Jesus. Toda a vida de Jesus é salvífica e aponta-nos a sua salvação.

Outra coisa muito importante, ao afirmarmos que a cruz é a consequência do estilo de vida que Jesus ousou viver, é ter claro que Jesus nunca escolheu a cruz como opção de vida. Jesus nunca optou pela morte. Jesus nunca optou pelo sofrimento. No Getsêmani ao orar por duas vezes pedindo que Deus pudesse passar dele “esse cálice” (Mt 26:39 e 42), Jesus faz uma fantástica profissão de fé na vida: Ele não deseja a morte! Jesus é alguém que ama a vida e nunca fez opção pela morte. Mas também ao afirmar por duas vezes “seja feita a tua vontade”, Jesus faz uma profissão de fé muito maior e igualmente maravilhosa no propósito de Deus. Jesus quer viver e confia em Deus! A opção pela fé em Deus e a opção pela vida não são incompatíveis. Deus esperava que Jesus fosse fiel à sua Missão de pregar as Boas Novas até o fim: “- preciso que você vá até o fim, meu Filho, custe o que custar. Eu estarei contigo.” Mesmo que para isso tivesse de enfrentar a cruz. Não é Deus quem coloca a cruz no caminho de Jesus; a cruz é produto humano. É a rejeição a Jesus e à sua mensagem que vira cruz. A opção de Deus para o ser humano não é a cruz, a dor e a morte, mas a salvação da cruz, da dor e da morte.

O Deus em que nós cristãos cremos e seguimos tem sua imagem revelada a nós sobretudo por quem tem maior autoridade e por quem mais tem intimidade com o Pai (Hb 1:1-4). Jesus disse: “Eu e o Pai somos um. Quem vê a mim vê ao Pai”. Jesus corrige, inclusive, algumas afirmações e imagens que o Antigo Testamento tinha de Deus, como a do Deus guerreiro que manda matar homens,

mulheres, crianças e nenéns (cf. 1Sm 15:3). Jesus mostra que não foi Deus quem mudou, mas a compreensão humana de Deus, a imagem que temos de Deus. Olhando para a vida e a pregação de Jesus, que imagem de Deus temos nele revelada? É coisa para pensarmos...

II - A CRUZ DO DISCÍPULO(A) - MT 16:24-26

Finalmente, quando Jesus nos fala que (dentro desta visão e deste contexto que estamos estudando nesta lição) quem quer segui-lo precisa “tomar a sua cruz” (cf. Mt 16:24-26), não significa portanto a cruz como opção de sofrimento, dor, morte e rejeição. Mas significa sim, estar preparado para ela. Estar preparado “para o que der e vier”: “No mundo passais por aflições” (cf. Jo 16:33). “Bem-aventurado sois vós quando por minha causa forem perseguidos...” (cf. Mt 5:10-12; Lc 6:22-23; Jo 15:19). Isso implica em nossa fidelidade a Deus e à sua vontade de vida e salvação. Ou seja, confiar que Deus está conosco, e não esmorecer em nosso testemunho diante das adversidades, provações, provocações e ameaças. Nossas vidas têm de estar a serviço de Deus. Nossa confiança está na certeza de que Deus está conosco.

Lendo Hebreus 11:30 a 12:3, vemos que muitos foram vitoriosos porque fizeram prodígios ou superaram ameaças e até a própria morte (versos 30-35) e outros (homens e mulheres dos quais o mundo não era digno!) foram vitoriosos mesmo tendo enfrentado sofrimento, dor, tortura e até mesmo a própria morte (versos 36-37). Onde está a vitória desses últimos? A resposta está no verso 39: obtiveram bom testemunho por sua fé. Ou seja, eles não nasceram nem foram chamados por Deus para morrer ou sofrer, mas por fidelidade e amor a Deus, pregaram e testemunharam o Evangelho de Salvação, e por isso foram perseguidos, torturados e até assassinados.

Escrevendo a cristãos temerosos diante das perseguições, o autor de Hebreus após mostrar testemunhos de fé viva de homens e mulheres do Antigo Testamento, nos versos 12:1-3 apresenta o modelo de vida e fé por excelência: o próprio Salvador Jesus. Jesus foi fiel até mesmo quando enfrentou a cruz. O texto mostra também como Deus o honrou: ele agora está junto de Deus, glorificado pela ressurreição.

A cruz, símbolo de rejeição, vergonha e dor, foi vencida e transformada por Deus num símbolo de vitória da vida sobre a morte, no sinal do amor de Deus que não conhece limites ou barreiras. O que era maldição Deus transformou em bênção: Cristo morto não ficou. Por isso a cruz é vazia: Cristo vive! Por isso a cruz virou símbolo do cristianismo: Deus confundiu a sabedoria dos sábios deste mundo. “A loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus (a aparente fraqueza do Deus Filho que é arrastado para uma cruz) é mais forte do que os homens” (1Co 1:25). Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem (escândalo para os judeus, loucura para os gregos!), mas para nós, que somos salvos, é poder de Deus.

IV - QUESTÕES:

- a) A partir do texto da lição, qual o sentido mais amplo da crucificação de Jesus?
- b) O que a gente pode entender quando é afirmado que a cruz para Jesus foi uma consequência de uma vida inteira de fidelidade?
- c) Conhecemos pessoas cuja vidas estejam ameaçadas por causa de sua fidelidade a Deus?
- d) O que significa a palavra de Jesus dizendo aos seus discípulos(as) para tomarem a sua cruz?
- e) Qual é a mensagem da cruz de Jesus?
- f) Muitos no passado foram mortos (e continuam a ser mortos hoje em dia também) por confessarem sua fé em Jesus e por em hipótese alguma negá-la. Algumas pessoas dizem que hoje a gente nega a fé para não sofrer ameaças, depois que a ameaça passa a gente pede perdão a Deus e continua vivo e salvo para poder fazer a vontade de Deus? Como a gente avalia a atitude dos que são fiéis até as últimas consequências e a do grupo que diz que se preserva para o testemunho?
- g) O que a gente aprende com a lição de hoje? O estudo da lição de hoje mostrou que a gente precisa estudar e se aprofundar mais em algum assunto? Em que?